

OITO CONVERSAS, A MESMA*

Carlos Augusto Lima
Universidade Federal do Ceará
**Manoel Ricardo de
Lima**
Universidade Federal de
Santa Catarina (Doutorando)

RESUMO: *Este trabalho é uma pequena apresentação ou mostra da coluna dedicada à literatura contemporânea no Jornal O Povo, em Fortaleza, Ceará, desde 1992 e, mais efetivamente, a partir de 1997 até os dias de hoje, com artigos, resenhas e entrevistas sobre e com autores vivos (algumas vezes). A coluna / página é dividida por Manoel Ricardo de Lima e Carlos Augusto Lima .*

Palavras-chave: literatura contemporânea; jornal O Povo

ABSTRACT: *This work is a small presentation or sample from the column dedicated to the contemporary literature, in O Povo Newspaper, from Fortaleza, Ceara, since 1992, but specially from 1997 until these days. Contaning articles, think pieces, and interviews about and with living authors (sometimes). The column / page is divided by Manoel Ricardo de Lima and Carlos Augusto Lima.*

Keywords: contemporary literature; O Povo Newspaper

Em 1992 teve início nosso trabalho no Jornal O Povo, em Fortaleza, Ceará, no segundo caderno, chamado Vida & Arte. O Povo é o jornal mais importante do estado, mais antigo e, também, o que mais abre brechas para os textos de seus colaboradores. Tem um projeto gráfico invejável e tenta acompanhar de perto uma melhor forma, sempre, de fazer jornalismo. Em nenhum momento deixa a dever a outro periódico do país, nem graficamente e nem no que se refere aos conteúdos de suas páginas – obviamente, com altos e baixos. Como a vida. Assim, a partir de 1997 estávamos configurados como articulistas do jornal, com total liberdade de pauta e gesto com nossos textos.

De 1998 até os dias de hoje escrevemos em dias fixos. Já foi aos sábados, aos domingos e, agora, por último, às terças-feiras. A última página do caderno é inteiramente dedicada à literatura e seus diálogos, dobras, brechas, possibilidades e avessos. A página é feita dentro de um revezamento entre nós, Carlos e Manoel, mais o Jorge Pieiro, bom prosador e de conversa sempre larga. A cada terça-feira, cada um dá a ver sua caprichosa e leve lengalenga de texto.

Muito recente, Josely Vianna Baptista e Francisco Faria publicaram um livro, *Musa paradisíaca*, que era título da página de cultura que editaram durante um bom tempo na Gazeta do Povo, de Curitiba, e no jornal A Notícia, de Joinville, para dar mostra deste trabalho sério e rigoroso e do que ainda pode ser feito, assim, em

* Ensaio recebido em dezembro de 2004

páginas de jornal. Não custa ir longe e lembrar da página editada por Mário Faustino, Poesia-experiência, entre os anos 1950 e 1960, no SDJB, no Rio de Janeiro. Trabalho que também está publicado em livro, ou uma amostra dele.

Assim, pensando nisso (e numa dista para entender melhor este país de desvios), e numa tentativa de dizer que existe sim, e bem mais do que consegue ir achando o desavisado, o conformado ou o preguiçoso (ou o ignorante, o que se basta), que pensa que o Brasil se resolveria entre Rio de Janeiro e São Paulo, que topamos o convite da **Cerrados** pra mostrar um pouco do que é feito há tanto tempo em termos de literatura contemporânea brasileira na nossa página, e que reuniremos em livro no ano de 2005. O gesto da página é para dar sentido e ampliar o que não está posto assim, fácil, comercialmente. Sempre topamos o mais largo, o mais longe, a brincadeira, para dizer que fazemos uma espécie de Feira da Primavera em nossos artigos. Mas tanto faz o nó: editoras pequenas, médias, grandes, livros com 50, 100, 82 ou 15 exemplares a tiragem, ou mil... Interessa, para nós, o que tem a ver com nossa própria produção de poesia, venha de onde vier ou que, muitas vezes, venha e seja uma produção que passe por nossos amigos. Mas assumimos isso, com muita tranquilidade, porque tudo o que é neutro é mito.

A idéia é sempre esticar a conversa com alguma delicadeza para o texto, dar a notícia de algo que está posto ali para ser afirmado em algum eixo de ajuste com a nossa mão; serenamente. Mesmo que este algo, em seu recorte, atravessasse também um nosso diferente, um nosso outro, um tempo difuso e contrário. Porque temos nossas diferenças, amém, em jogo e postas muito

tranqüilamente na mesa. Como o texto tomasse sentido de conversa regada a água de coco: uma afirmativa, sempre.

Aqui, optamos por trazer oito desses textos, que demarcam uma certa produção de poesia de 2000 pra cá, ou livros publicados no período, mesmo que reedições. Traçamos um revezamento de autores, temas, assertivas e descanso. Não alteramos os textos, eles estão como foram publicados; apenas o *serviço* que a coluna traz foi retirado; mas os textos se indicam, como a data, por exemplo, a partir do ano em que os livros usados como objetos da coluna foram publicados. Traçamos, também, um revezamento nosso, para apontar as diferenças na conversa. E usamos um pequeno indicador em sigla para lembrar quem escreve ao final de cada um dos textos. Usamos *CAL* para Carlos Augusto Lima e *MRL* para Manoel Ricardo de Lima.

LUXUOSO MARGINAL

... penso no meu amor lendo Drummond.
com lentes de contato
nervosa e linda sublinhando adjetivos ...
(Luís Olavo Fontes)

Caríssimos leitores, venho através desta lhes comunicar que o Cacaso, marginal-poeta, está à solta, de novo. Agora completo, sem cortes, vivinho na palavra. O poeta bacaninha, desencanado com as coisas, volta numa antologia luxuosa, fruto da troca de passes entre as editoras *7 Letras* e *Cosac & Naify*, resultando numa homenagem de primeira, a melhor possível ao poeta, deixar seus versinhos à mostra para quem quiser mordiscar.

Há tempos a editora 7 Letras espreitava o tal Cacaso. Numa edição especial, a revista *Inimigo Rumor*, editada por Carlito Azevedo e Augusto Massi, publicara um dossiê sobre Cacaso; alguns poemas inéditos e depoimentos emocionados a respeito de alguém que deixou torneadas e belas cicatrizes na memória de seus pares. *Lero-lero* (1967-1985), a antologia, recupera a mesma memória com força, mostra uma produção se não muito prolixa, mas precisa, na medida para um projeto poético levado com a estranha (mas não impossível) combinação entre a curtição e a erudição.

A ficha do poeta denuncia: Cacaso era um ardoroso devoto de Nossa Senhora do Modernismo. Aquela coisa Bandeira, lírico olhar sobre as pequenas vidas da rua, imundícies telúricas, aquilo embriagava o poeta. Mas quem lê agora seus primeiros livros, *A palavra cerzida* (1967), *Grupo escolar* (1974), percebe algo mais, iniciação em Drummond, puro, até versos que rememoram um Murilo cheinho de transcendência: *A gaiola feminina: / O fantasma e seu navio / explicam o esqueleto do mar. / Ossos se purificam na tarde.* (Batismo de Fogo).

Este é o Cacaso com ares solenes, ainda o Antônio Carlos de Brito, nascido em Uberaba, 1944, infância em Barretos, interior de São Paulo e grande restante da rápida vida no Rio de Janeiro. Pois é, o Antônio Carlos de Brito *cariocou-se*, aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer, óculos redondo, sandálias de couro, calça boca de sino, virou titular de time de futebol de areia em Copacabana e assumiu a alcunha Cacaso. Dizem que tinha como hobbie fazer amigos, agregar caras e cucas distintas, circular nos meios. Das amizades, muitas parcerias musicais, como Edu Lobo, Nelson Ângelo, Novelli, Francis Hime,

Macalé, Danilo Caymmi, Zé Renato e outros tantos. Promessas há de lançarem CD com alguns de seus cúmplices. Resta ver. No fim, entrou no Nirvana em dezembro de 1987.

Mas, nem só de curtição viveu o homem. Trabalhou duro também. Dureza para pensar sua geração criticamente. Estudioso, pesquisador, tentou estabelecer interpretações e critérios para a poética dos seus, gente nem aí para os formalismos estetizantes das vanguardas e que, ao mesmo tempo, fez beicinho para a prolixidade socializante da poesia engajada.

Agora é a vez de Cacaso marcar colado no leitor. *Lero-lero* recupera uma poesia admirada, mas que virou peça de colecionador. Os livros do poeta ficaram raros. O retorno de Cacaso é marcado com a imagem da capa original de seus livros, antes de desfilarem os versos, rápidos e despachados, líricos e ácidos, como os presentes nas duas últimas produções, *Na corda bamba* (1978) e *Mar de mineiro* (1982), assinados, agora sim, Cacaso. Oswaldianamente falando, o poema Panacéia resume o tom da poesia do tal Cacaso: *mesmo triste comprove/ a alegria é a prova dos 9.*

Tristeza, alegria, gol de placa, passarinho, coração partido, uma canção e tudo mais combina com os versos desse Cacaso. Pois, como afirma Eudoro Augusto, era um dos grandes autores de “uma poesia que só tinha compromisso com a vivência do cotidiano”. Tirar beleza desse mundo cão é o toque de Midas. Pois a barra pesa, os amigos não se vêem, mais uma guerra no fim-de-semana e a gasolina sobe. A poesia tem que humanizar a gente, tem que ter compromisso com a leveza, uma lição bacana da geração do Cacaso.

Para os não satisfeitos, a edição da presente antologia traz, de presente, uma edição

mais que *fac-similar* do famigerado *Na corda bamba*, livro de 78, um mimo mínimo, nos versos, poema-minuto-piada, e no tamanho também, 13cm x 8cm. Pequeno torpedo na poesia bem comportadinha. Interrogado, o poeta confessou o crime. De nossa parte, festejamos. (CAL)

NO MESMO OUTRO LUGAR

Mudar de endereço, mudar a casa, arrumar as malas, desarrumar a estante e voltar a amassar os livros, empacotar as panelas, o cuidado com os vidros, desencostar a geladeira (e ver a quantidade de pó que ficou guardada sob, por tanto tempo ali), jogar coisas fora (o novo endereço é menor, não cabe tudo), empilhar as caixas e ver o que dá pra ir levando no carro menor, o de uso comum, enquanto se espera o caminhão da companhia de mudança. E ir levando as coisas, e a vida mesmo, porque nada pára enquanto se faz a mudança. Há um novo endereço pra ser anotado, um novo CEP, uma nova rua, um novo andamento de vento, um deslocamento estranho, umas pessoas nunca vistas, um acordar estranho com uma luz diferente – em outro ângulo – dentro da casa. E um misto de sensação de derrota e prospecção, de perda, de coisas deixadas, de outras tantas a fazer e, de fato, um sentido que é o da mudança mesmo.

Pensei primeiro nestas coisas todas quando tomei o livro que traz na capa um longo basculante estreito, um vidro quebrado e um bule de esmalte para café que se dá a ver sozinho. Raspas soltas na tinta da parede; vestígios na fragilidade da cal, muito provavelmente. No espaço vazio, escuro, ao lado do bule, um quase carimbo: *Novo endereço*. Dentro do livro, orelhas abertas, lado de dentro da capa, carimbos mesmo:

vestígios do correio. Espalhadas, aquela famosa quadrinha do serviço postal, algumas: mudou-se, desconhecido, recusado, endereço insuficiente, falecido, ausente, não existe o número indicado etc. Este é o retrato escrito da capa do novo livro de poemas de Fábio Weintraub. Paulistano, psicólogo, autor de *Toda mudez será conquistada*, 1992, e *Sistema de erros*, 1996. Fábio, hoje, trabalha na Fundação Memorial da América Latina e coordena uma coleção de poesia brasileira para a Nankin Editorial, a Janela do Caos.

É entre a idéia dessa janela postal – com seus quadrinhos de marcar – para uso exclusivo dos Correios e a da epígrafe de Simone Weil que disponho os poemas de Fábio. Diz a epígrafe: *“Muitos não sentem com toda a alma a diferença total que existe entre o aniquilamento de uma cidade e o exílio irremediável fora dela”*. Um sujeito que não se identifica, que muitas vezes deseja ser outro, que noutras tantas vezes questiona-se acerca de outros inúmeros não identificados, todos escondidos pela pesada argamassa da cidade, vaidosa e onívora, e que desafia permanecer no mais inútil dos percursos que ainda é o da poesia. Humanizar-se nela. Assim, a poesia de Fábio parte disso para um recheio quase extemporâneo ao nosso tempo – doses de ternura –, para dizer cenas de um cotidiano entremeado pela desconfiança e por uma recuperação de alguma, mínima que seja, ainda, dose de solidariedade.

Em *Outro*, neste fragmento que segue: *“desejo enorme / de não ser este / portar outros gestos / vestir noutra dedo / o anel alheio / de ter outra casa / noutra cidade / assinar cheques / com outro nome / outra letra // (...)”*, fica posto o empenho de Fábio nesta constante desconfiança em si mesmo. Ou como em *Frescor*, um dos mais ternos poemas de seu livro,

nos dois últimos versos, quando quase sussurra: “a boca fala / do que está cheio o coração”. Ou no poema que dá título ao livro, *Novo endereço*, em que vários fragmentos da peça confirmam o dito das percepções sensoriais da mudança, de uma espécie de um novo quase o mesmo, de um novo que é apenas a repetição do de sempre: “(...) // Há uma dor qualquer na novidade / um cheiro ruim misturado / ao de tinta nova”. E mais adiante: “Já perdi o fio: / o rude esmeril / lambe-me o metal / sem fagulha ou grito”.

Talvez seja princípio comum na poesia brasileira contemporânea o desvio provocado pela cidade – em nosso caso, brasileiro, cidades demasiado empobrecidas de matéria e alma, cidades de vintém –, as percepções dela neste sujeito que se descontrola, se desumaniza, se desvincula, procura se redescobrir habitante, mínimo ponto de um lugar, qualquer que seja. Mas numa probabilidade muito menor, neste talvez, é encontrar nesta mesma poesia um lastro, também mínimo que seja, da gerência de uma proposta que pode ser pensada como utópica: a de que mesmo engolido pela cidade, em seu movimento lacerante, ainda haja o risco do encontro. Lacônico, ou por mais arriscado que nos pareça, o que se pode fazer, mas um encontro. Está no poema *Mais magro*: “*Mais magro / meu amigo está mais magro / volto a encontrá-lo (...) / evito tocá-lo / pois a mera proximidade física / parece estranha agora / que meu amigo está mais magro // (...) / Eu lhe recito algum verso / ele me ensina outro insulto / e há quase alegria de trégua / (...)*” e, adiante, “*Mas hoje estamos exaustos / há um dreno em nossa bondade: / minha boca só tem dentes / e meu amigo / está mais magro*”.

Depois, há muito a se pensar deste quadrado que o serviço postal carimba nos envelopes sem lugar de chegada com suas especulações de vazio (mudou-se, desconhecido, recusado, endereço insuficiente, falecido,

ausente, não existe o número indicado etc.) que Fábio insere em seu livro para demarcar o tom de sua poesia. E isto interessa muito. Alguma poesia que tome como ponto de partida temático o lugar de chegada e que, com muita força, seja devolvida deste destinatário anônimo, inexistente, para fazer a consciência também voltar ao antes e as coisas tornarem ao mesmo lugar de onde saíram. (MRL)

LONGE DO ÓBVIO SILÊNCIO

Ainda há muito que dizer do mundo. Palavras novas a descobrir, um termo para fazer uso, informações, turbilhão de códigos, signos a perder de vista. Palavras, palavras. Uma estridência, barulho, multidão que vocifera. Ao mesmo tempo e no agora a incapacidade de dar conta de tudo o que se diz. Ao mesmo tempo, um palavrório de tolices reverberando fundo, a apoteose e o gosto pela picuinha, o disse-me-disse. Há quem se agrada e viva disso, divirta-se. Coitado. Daí que as brechas despontam, um vácuo, inundação de impossibilidades e, no meio dela: silêncio. O melhor dos remédios, muitas e muitas vezes: silêncio. Um conselho mal dado, equivocada opinião, sugestão, incorreto comentário, um ímpeto, movimento em falso. O discurso deste tempo, agora, é vacilante, desconjuntado e, na tentativa de dizê-lo, sacam muitas das vezes a conversação do óbvio, o de sempre. É vastidão de conversa que não dá conta de desvendar os discursos do lugar e do que se vive (ou se tenta) hoje.

É com o pulso de ir além, parecendo vasculhar variadas falas e conversações, das mais íntimas às mais públicas, é nesta tentativa de desvendar que passeia a poesia do recente livro de

Júlio Castañon Guimarães, *Práticas de extravio* (7 Letras, 2003). Castañon distancia-se da elocução de viés cabralino, do caráter descritivo de sua escritura até *Matéria e paisagem*, seu penúltimo livro, ainda de 98. Parece ir ao encontro, agora, de uma poética assombrada por um inacabado de falas, frases que se montam como de passagem, interrompidas e incompletas. Há um discurso de apostas, de tentativas (muitas frustradas). Algo a se dizer que não precisa, não distingue com exatidão o que quer ou pode ser dito. Não há um achado, muito mais um registro. E tome estranhamento com uma escrita que parece não principiar, de passagem; tampouco finda, não resume, inconclusa. Nem necessita. Um entroncamento proposital. Há de ser o leitor a buscar sentido? Duvido.

Densa é a mostra das coisas. Há gestos de monte e imagens que encobrem. Possível desvendá-las? Este é um mundo de rapidez, veloz, e o alheamento é prática, as imagens adensadas se extraviam; as coisas todas: *tão brutal a matéria/ ao excuro do olhar/ que a impossibilidade/ de qualquer imagem// pois o adensamento/ (cores e formas se desfazem)/ que sobre o suporte/ obstrui por acúmulo (...)*. Tudo se posta anuviado, seja por excessos, delírios, barulho, reverberações e, de novo, estridências. Essas ocorrências excessivas sempre elevam os poemas a denunciar uma impossibilidade de falar e lidar com as coisas com nitidez, pois há sempre quebras, choques, atritos: *(Sinais) O que resta diante do que, avesso, toma o centro e aos poucos vai impondo pela mobilidade o bloqueio das articulações? Talvez o recurso a uma rede de imagens, na expectativa de que pelo menos desencadeiem um processo razoável de insinuações e suposições. Sem deixar de levar em conta que para*

avanços incisivos podem ser produtivos certos atritos. Como o das coisas em si. (...)

O espanto e a inércia diante das coisas em si provocam um silêncio fundo. Silêncio como um limite, súbito arrepio, *como Friagem: (...) Do escuro então lhe passou pela pele, num raspão, algo como uma palavra remota. O fundo da alma inundado pela friagem da noite, seu espanto de silêncio. (...)*. Este silêncio é registro, urgente, de que (e ainda mais hoje) há limites muito sensíveis, longe do discurso óbvio e cotidiano. Os poemas de Júlio Castañon mergulham num desenrolar de falas e imagens, ou na impossibilidade das mesmas, para mostrar saliências no dizer e mostrar. Uma linha fronteira para a própria poesia?

Práticas de extravio é, por isso, leitura de discreto estranhamento. Longe de certezas, frases de efeito redentor, conclusões e afins, o livro move-se desenvolto entre o poema e a prosa poética, desocupando-se da obrigação da experimentação, onde o discurso constrangedor, de impossibilidades, provocador, buscando a ciência dos limites, já projeta e constrói, por si, uma escrita madura e original. Uma escrita de um falar que se atrita e cala.

Quantas e quantas já não nos confrontamos com esses atritos? O fracasso do elogio, da cortesia ou da ajuda. O não falar do outro que tanto esperamos. O confronto do convívio na cidade. Um entrave, vacilante paralisia. Voz que falha, palavra que também não é possível. Dizer que se extravia. Por sorte, há sempre um poeta de plantão. (CAL)

UMA FRATURA NO SILÊNCIO

As discussões da arte brasileira hoje, pra todo lado que a gente estica o olho, só pra observar, que só besta mete a colher mesmo,

diretamente, é pra pensar sobre lei disso, lei daquilo, política pública disso e daquilo e dinheiro nosso vazando pra tudo quando é lado e quase produção nenhuma de qualidade. O que isto nos gera é cansaço, minimamente, ou enfado. Ou desleixo, que ao menos é palavra mais bonita e faz mais sentido: um certo deixa pra lá, um é isso mesmo, ou um simples tanto faz (*fa lo stesso*). Depois, de outro lado, ou do mesmo, uma larga esquizofrenia de gente que acha ter o que dizer e reclama espaço, espaço, espaço. Pois que ocupem, que digam o tanto que precisam e sabem, porque da parte de cá o gesto é silêncio e escolhas, simples escolhas muitas vezes não tão óbvias, e talvez um senso que é no silêncio que mais se diz, se faz e se é feliz com sorriso largo.

Foi com este debruçado que me deparei com um poema chamado Antimuseu, trecho dele: “*o sal da lua nas ruas ainda vazias, palmeiras, o vento nas palavras, pio, esparso, pássaros, e ela não mais jorra, pelos telhados, a água, o que não passa com chuva*”. O poema é de Régis Bonvicino. De pronto, me remeto a uma frase também dele que sempre ecoa aqui quando volto meu olhar para pensar o poema, para estes silêncios, ou às fraturas dele, ao entre, ao UM OUTRO, ao que sobra, aos objetos retirados de sua função, ao deslocado e ao deslocamento: “*Tudo o que é deixado de lado me interessa, interessa ao meu olhar de poeta*”. Esta frase volta também sempre que tento pensar a produção do próprio Régis, talvez o poeta brasileiro que ousa impor mais riscos à sua própria poesia e ao pensamento que a circunda (e aqui falo pensamento mesmo, pra dentro do problema mesmo, com suas questões de fato, sem lei nem rei nem fé). Ou seja, um bom alento entre tantos desfazimentos, repetições do mesmo e afasias.

Em 1999, Régis publicou *Céu-eclipse*, seu oitavo livro de poemas, e de lá para cá expandiu sua conversa a partir da revista que edita, Sibila, com algo de uma muito boa poesia contemporânea americana e mais, de outros lugares, tanto fazendo se de Portugal, da França ou de Macau, e com outras expressões que lhe interessam, como as artes plásticas e a política e principalmente com uma travessia de línguas, de espaços urbanos, de culturas. Publicou lá, traduziu e foi traduzido, publicou poemas e ensaios aqui e ali e, certamente, andou refazendo a mão.

Régis acaba de publicar *Remorso do cosmos (de ter vindo ao sol)*, pela Ateliê Editorial, que foi onde li *Antimuseu*. Este livro de Régis, como sempre tem sido a cada livro seu, é uma surpresa dentro. Se bastasse construir resumo diria que é uma compressão densa de nossa experiência moderna já empobrecida e que toma como anteparo – para frente – o interrompido; depois, uma tensão inequívoca das premissas que norteiam o sujeito contemporâneo; um refazer do esfacelamento e do provisório; um dito firme para fazer titubear discursos prontos ou, simplesmente, um silêncio invertido sobre o destroço da alma, da vida mesmo, da guerra, do país, das fronteiras, da condição humana: um gesto sereno, uma possibilidade, uma escritura singular para a sobrevivência. Mas não basta. Como escreve neste fragmento de *Decantando*: “*eu coloquei o jarro na mesa / colocando o jarro na mesa / estava colocando o jarro na mesa / daqui, gráfico, garoupa / (...) / no sentar-se, sem programa, fixo / um grumo daqui garoupa / colocando, daqui / pistão, grumo / o jarro pousando na mesa, / confrontando-se com ela*”. E a poesia de Régis se dá no risco, e aí só convivendo muito com ela, experimentando-a na filigrana.

Os temas e o trabalho com a linguagem engendrados na poesia de Régis são outros inventos de palavra (como no caso das palavras politicamente proibidas pelo projeto *Échelon*). E é na forma que habita uma tessitura de amálgamas. São preocupações de quem pensa o mundo e a vida como uma tensa. Em seus três poemas *Sem Título* este trabalho a que me refiro se evidencia. Segue o primeiro: “*Minas, silenciadores, a dissolução prévia do corpo, nadis, flama, recôndito, Sundevil, Léxis-nexis, arpa, sard, cisa, carmina, estrondos, satcoma, satélites, retratos na parede, capricórnio, gama, gorizont, ISSO, parasita, morgancanine mantis, ionosfera, reflexo, & surto de outras figuras, batedores, white noise, sexo, enseadas, Speakeasy, colmilho, miras estriadas, os ópios de emergência, e um vento, índigo, explosivo, mania, gases úteis para o exercício diário da vida, janela, Bubba, the Love Sponge, onde pousava, de madrugada, a brisa*”.

Assim, desta forma, é fácil crer que este *Remorso do cosmos* é ponto ou cisma de nossas circunstâncias, as mesmas de antes e outras de agora, que geram o tal enfado, um certo cansaço e um vinca em desleixos. Régis passa a apontar o deslocamento como prisma ou “*constelações de uma língua plurívoca*” (como as iluminuras que Susan Bee, artista plástica americana, fez especialmente para o livro): seus poemas estão sugeridos por registros marcados, mas ao mesmo tempo abertos para um prisma seguinte, uma alexia para quem se depara com eles. (MRL)

A MÁQUINA DO MUNDO É ZERO

Belo Horizonte é uma cidade agradável. Largas avenidas e calçadas, árvores, bares interessantes, gente não menos. Gente bonita,

falante que é um despropósito, ruas que se cruzam entre nomes de poetas, tribos indígenas e estados da federação. Impressiona, a quem é mais do Norte, o clima agradável, uma brisa fria mesmo com o sol a pino, mesmo no turbilhão da rua, quando é verão. A cidade é um baita projeto, de linhas retas, esquinas que levam a diferentes direções que nos confundem, muitas vezes contradizendo uma pretensa ordenação, sonho de um mundo limpo, claro e positivo. Mas é andar de consciência, de raciocínio lógico. Tem luxo, diversão e simpatia, combinação de cosmopolitismo e brejeirice tardia.

Mas esse é um olhar míope de turista desavisado, que vê o que lhe é aparente e o que pretende belo e novo. Um olhar torto, imaturo, sem o dado do convívio, pois Belo Horizonte é mais, é uma cidade e, como tal, vive no plano do impossível, da insistência e do caótico. Belo Horizonte é metrópole, violenta, excludente, que há tempos já deixou essa memória tola de “cadeiras na calçada”. Conversas na vizinhança? Viver na cidade é mais. Acostuma-te à desordem que te cerca. Acostuma-te “*ao preconceito, à cobiça, / ao maldizer por ofício, / à caridade / por vício, / ao passadismo, / à injustiça, / ... /*”, no dizer de um poeta de lá, Ricardo Aleixo, que conhece a alma e o mecanismo da cidade como a palma da mão e as linhas, seja da morte, ou a da vida. E Ricardo dedica esta *Antiode: Belorizonte* à sua cidade, tão próxima, tão igual no fundo às outras, à nossa, esse lugarzinho longe demais de tudo. Porque na geléia geral instalada, no que é pasmo e modorra, é preciso alguém com esse traço de osso e medula, caninos mordentes, tal qual Ricardo Aleixo, que acaba de lançar livrinho bonito e forte, *Máquina zero* (Scriptum, 2004), sutil e feroz, como míssil de

ponta, desses que não desabam sequer tijolo, mas imobilizam tudo ao redor.

Ricardo é poeta, autor de *A roda do mundo*, 1996 (com Edmilson de Almeida Pereira), de *Trívio*, 2002. Ricardo é compositor e *performer*, integrante da Sociedade Eletrônica Black Maria. Ricardo é artista plástico, expondo *Objetos Suspeitos*, com obras tridimensionais e videopoemas. Ricardo é irrequieto, contra a contenção de signos, de imagens e sons que possam significar, contra uma única via. Desta feita, retoma a palavra (não por muito tempo), para averiguar a máquina do mundo, com ferramentas sublimes, escracho e humor ferino. A combinação de amor e dor. Sem deixar de lado o que é sério, o pensamento e consciência de que nem só de consciência se faz um poema, mas manipula a linguagem para seus fins, que são maiores, que é a noção de que essa máquina do mundo é zero, é nada, mas prefere “a paciente proeza das traças, aos versinhos bem traçados”. Bem comportado? Jamais. Combatente contra a hipocrisia reinante, que não se contenta com uma linguagem também hipócrita. Aprendamos pois com Ricardo Aleixo, que coquetel molotov não basta, tem que ser míssil de última geração. Como já dito.

Devoto de um *Index* pra lá de proibido, onde se lista e reverencia Gregório de Matos, Oswald de Andrade, Torquato Neto, Sebastião Nunes, confirma que sempre que pode faz questão de passar o carro à frente dos bois, e ainda, da arrogância literária que empesta os homens de letras, da eloquência racista e asséptica, dos aduladores institucionais, dos falsos engajados, dos analistas de picuinhas, da mediocridade que anda a solta. Ricardo faz uso da poesia para compor uma ética. O que se vê é uma tremenda

despreocupação em parecer contemporâneo, uma vez que isso já se dá como consequência do que ele escreve. O poeta lê-vê o seu tempo, se debate em torno dele. Muito mais urgente é a necessidade de manter uma ética com seu trabalho, caso raro no mundão literário. Muito mais é a consciência de uma atitude, existencial mesmo, com a liberdade, seja ela de criação, seja de lidar com os contrários, com o incomum. Quando se lê este *Máquina zero* sente-se uma presença forte de coisas vividas, passadas e presentes, sempre por perto e importantes nessa construção de um olhar crítico, sério, mas nunca mal humorado e conformado.

Voltemos à cidade. O poeta passa por ela. A ele cabe a sutileza de notar o que é invisível, o que não se constata, o que não se mostra mesmo com tamanha claridade. Meio-dia branco, semelhante noite profunda. A cidade é um labirinto, carros, buracos, violência, dejetos, mas é preciso vivê-la. Entre a indignação, o fato de se perceber dentro dela. Ser a própria cidade: *Conheço a/ cidade toda (a / mínima dobra retas cada borda/ curvas) e nela – à/ custa de me/ perder – me/ reconheço.*(*Labirinto*). E fim. (CAL)

A CIDADE E O MESMO

afinal sucumbiu o espaço
à retidão de prédio
(*Carlos Augusto Lima*)

Todas as cidades parecem, não são. Todas as cidades insistem. Todo o movimento da cidade é o mesmo: desta, daquela. Todas as cidades comportam o conflito de que não há lugar no mundo sem passar-se por uma delas, estas, as umas, as outras, as mesmas. É o vai e vem, o

entrecorte, o fragmento, o desapego, o desamparo, o tremelique, a inconstância, a passagem do tempo. O que não se dá a ver. O invisível. A cidade é suporte para as várias mesmas questões de depois do estar sozinho, “*la cosa mentale*”: ir-se, não ser, diluir-se, desesperar. Os fantoches, os malabarismos, os títeres incógnitas que trafegam em seus confinamentos.

A cidade, espaço exterior, é muito mais vezes um dentro, um silêncio. Um sufoco, uma alegria, um desamparo, um acompanhamento diverso e inominável entre melancólico-inseguro-luxuoso. Sobre a cidade muito se tem dito, pensado, absorvido. As narrativas que fragmentaram a palavra, desde James Joyce, por exemplo, argüiram um sentido outro ao estar nelas. Mesmo Graciliano Ramos, a meu ver, quando dilacera ao meio seu Fabiano, personagem ponto de *Vidas secas*, está tratando de uma imposição que é sucumbir ao espaço ou estar retido pela falta dele. Este conflito não é apenas deste sertão encerrado como ponto final; mas sim deste outro, ampliado por um Graciliano ou um João Rosa ou um João Cabral. Enfim, provável seja da cidade de dentro, uma imaginada, e que dói, que tratam.

E há, mais severamente, de uns tempos pra cá, uma insistência de narrativas e poemas para mergulhar-se cada vez mais neste universo simbólico que nos dita a vida, o dia-a-dia, o corre-corre, o lepo-lepo dos anônimos em ruas já gastas e reconhecidas em quaisquer outras: o instante da cidade, a marca do tempo, o que dela nos engole. Bruno Zeni, curitibano, habitante da vomitada São Paulo, publicou recente seu primeiro livro: *O fluxo silencioso das máquinas*, Ateliê Editorial. São narrativas, poemas ou imprecisões impressas sobre a manta de asfalto, sob as marquises, dentro

do metrô, ao lado das pessoas, na superfície das novas janelas (da tv ao que quiserem que seja isso): todos “*ciscos e partículas em suspensão*”.

No livro, a cidade é apenas a mesma rede tensa que habitamos e inventamos, diariamente. Tensa, mas estranha. O que Bruno Zeni descreve e tenciona é incorporando o mais complicado em literatura: escrever simples, fácil, dizendo mesmo. Assim, no livro, a cidade está como sempre parece: uma laceração, mas que se justifica no fio tênue do levantar-se, todos os dias, ininterruptamente: a vida. É aqui o eixo. Ainda estamos vivos. Parece assim, rápido, talvez, uma obviedade. Provável, há quem diga que sim. Não duvido. Há quem diga tanto, ou menos, ou quase, ou isso. Enfim.

Mas há, como forma e vórtice, arco tencionado, no livro mesmo, apenas o nomeamento e o óbvio. A cidade é São Paulo. A paisagem e a vida que a tolera é só descrita. “*Andando em voltas pelo centro, nas canaletas de asfalto, um rio morto corta a capa de concreto. Ainda há terra por debaixo ou só concreto decantado? O corte rasgado do rio não deixa esquecer: a produção de esgoto não cessa.*” E duas coisas, penso, não podem deixar de ser ditas: uma, a maneira que Bruno Zeni encontrou para pôr lá, no livro, um pensamento sereno acerca do ser que habita a época que vivemos, o que não é, e que não está mais posto como indivíduo, e sim como desvão citadino; a outra, uma forma possível de incorporar o emperro da cidade à literatura, e rasgá-la de ponta a ponta em pensamento, é desenha-la assim como se apresenta, sem a reinvenção tardia do labirinto. Como houvesse a saída da cidade nomeada: uma outra. E assim, sucessivas vezes. Simples como ver o rio invadir a marginal em dia de chuva forte.

Dos bonitos títulos das narrativas (ou poemas?)

o que tanto faz. Textos. Objetos.) que são incorporados a cada uma delas, das interrupções abruptas, fim mesmo, vai uma das mais preciosas entre ironia e isenção: Depois de tanto amor: “Depois de tanto amor. Seus dedos ainda conhecem meu rosto de cor? Você se olha no espelho e me vê nos seus olhos? Sente meu cheiro impregnado nas roupas, na cama, no seu corpo? Não. Você não consegue mais me olhar quando acordo do seu lado. Vai ver talvez sua vida também tenha tido um corte e eu não caiba mais nessa sua nova vida. Que começa do zero, como você disse. Então, ficamos assim. Você tem a cidade inteira para si. Os lugares, as pessoas, as horas livres – todas as dimensões. Eu fico com o meu de dentro. As pendências, os não-seis, os sinto-muitos. Ficamos assim então.”

Do que se queira dizer, ou não, o fato é que é bom já termos primeiros livros assim, destes que ao menos nos problematizem e problematizem também a coisinha mesma da literatura, por um lado ou por outro. Este algo que nos desloque um pouco dos anversos e nos indique alguma brecha para a delicadeza. (MRL)

POESIA AMOSTRA GRÁTIS

Há coisas demais na vida em que insistimos impor, seja por pura necessidade ou convenção, certa ordem, controle, uma rigidez calculada e fria que queremos, no entanto, natural e, que na maioria das vezes, não alcançamos. Desistência. A desordem é que manda. Apavorante, esdrúxula, mas necessária nos colocando em sobreaviso de nossa incapacidade de domar o mundo, tomar as coisas de assalto. Mas, pasmamos quando, por elas, é que somos assaltados.

Esta desordem às vezes ensina, e aí tomamos como exemplo a matéria, os objetos do

mundo e o quanto eles têm para nos tocar. Para que universo maior e expoente máximo desse embate entre ordenar e se perder do que nossas gavetas? Gavetas são memória íntima (e ínfima), livro de genealogia, quando não há genealogia alguma, são saudade e entulho daquilo que se quer guardar, ter para si alguma coisa, se sentir seguro. Gavetas são “repositórios” de muita coisa, e, ao mesmo tempo, de vazios. Assim como estantes, que suportam seus livros e que, desesperadamente, tentamos domar. Outra desistência.

Detenho-me nessa desordem específica, nos livros que se avolumam, empilham, avançam sobre nossos critérios: a fileira para isto, uma outra para aquilo. Há livros novos não lidos, outros que apenas estão, mas ainda há surpresas. Nas brechas dessa caótica muralha, na especificidade de seu impotente recolhimento ressurgem algumas pequenas lembranças, delicadezas poéticas que peças raras se tornam e de especial quilate.

Livros mínimos, algo menor que *pocket*, reduzidíssimas páginas, algo menor do que se imagina para um conceito, livro. São lembranças, presentes e delicadezas, poesia em amostras grátis, edições alternativas, contemporâneas, alguns quase manifestos. Livros como cartões de visita, apresentação de poesia jovem em percurso para o amadurecer, com *Algum*, de Fabiano Calixto, 10,5cm x 10,5 cm, um quadradinho perfeito e 50 exemplares editados ainda em 1998. Excelente exemplo para os que iniciam: um pequeno número de exemplares, para alguns leitores corretos. O mesmo Fabiano, pernambucano de Santo André, poeta já importante de sua geração, reapareceu em *O-bola*, 7,5cm x 10,5cm centímetros, com Tarso de Melo, Kleber Mantovani e Marcelo Montenegro, editado pela coleção *Micro*, idéia da livraria e

editora Alpharrábio e da produtora Fabricando Idéias, ambas também de Santo André. Apenas 38 exemplares cada.

Da coleção Cacto, também da Alpharrábio, uma jóia raríssima para comemorar o centenário de Carlos Drummond de Andrade: 7x2. Dois poetas jovens de reconhecido talento, Tarso de Melo e Eduardo Sterzi revezando-se em sete páginas cada, desenvolvendo seus improvisos e variações poéticas sobre temas de Drummond. O livro, uma tira de papel sanfonado em que medimos 5,5cm x 8,0 cm.

Livros mínimos e homenagens. Um dos poetas mais importantes da poesia brasileira atual, Régis Bonvicino, para homenagear a visita do poeta americano Robert Creeley ao Brasil, editou um livretinho de oito páginas com o poema *Life*, de Creeley, e sua tradução. Uma capa e o miolo, duas folhas apenas e poucos centímetros. De quebra, um desenho na capa de Guto Lacaz, isso em maio de 1996.

Da Catatau Editora, lançado recentemente, o livro de Valério Oliveira, *Mínimo Eu*, uma edição mais convencional, com direito à apresentação e posfácio sobre este autor de saborosas ironias, deboches. Convencional, não fosse o desabusado tamanho de 7,5cm x 10,5cm. Ainda encontro o pequeno compêndio de *hai-kais* ligeiros e ingênuos de Thadeu Wojciechowski, editado em 1993 pela Lagarto Editora, de Curitiba.

Uma sobra de papel, um poema fora de conjunto ou nascido às pressas e com urgência de mostrar-se. Experiências, experimentos de palavra, pequenas peças de poesia na justa dosagem. Uma oferta, um generoso carinho aos amigos, coisas de se guardar e se perder. Um dia viram relíquias, desejos de colecionador. Mas hoje são meros deleites de quem simplesmente é apaixonado por livros.

Na ânsia de não perdê-los, saio à cata e recolho-os. Há outros e vários. Tomo uma possibilidade de ordem, um envelope amarelo e já alguns rasgos, fragilidade. Há o projeto de um estojo, uma caixa que os abrigue. Ainda não encontrei. Desistência para um outro tempo. Reincorporo-os à desordem, ao saboroso caos. (CAL)

TANTO QUANTO HOJE OU ONTEM

Das coisas mais bonitas nesta vida é encontrar pegadas, marcas, registros, notas, impregnações de um outro qualquer sobre objetos deixados pelo caminho, seja lá qual o motivo. Lugar farto de impregnações do alheio é o livro que foi manuseado e, para além do texto impresso, riscado, dedicado, sublinhado; e em muitas outras vezes depositário de resmungos, carinhos, ódios, avarezas, memória, esquecimentos. Ou simplesmente um “redemoinho de disputas íntimas”. Nestas idas e vindas entre estes bofitos e delicados lugares de livros usados, por mais rudes que sejam, dei com um livro que já havia lido em coletâneas (que não é a mesma coisa), e por isso de passagem, mas que, como sempre, gostaria de ter em casa para freqüentá-lo mais, como acho que deve ser com qualquer livro: *Tempo de chuva*, de Horácio Dídimo, de 1967.

Horácio é o poeta desta cidade, Fortaleza, que mais tenho predileção. Do vento nas costas que é o seu *O passarinho carrancudo* ao sincero, elaborado e justo *Tijolo de barro*, que é seu segundo livro, de 1968, e meu preferido entre os outros todos. Lembro que *Tijolo de barro*, primeira edição e única, me foi dado como presente pelo próprio Horácio, na sala da casa, entre o silêncio que ela impõe e o afeto de uma conversa sobre poesia e

Paulo Leminski. Retirou lento da estante, como titubeasse, e disse algo sobre ser o penúltimo exemplar, mas entregou-me o livro.

O gesto hoje foi encontrar o *Tempo de chuva* no dia em que um outro livro de poemas, novinho em folha, num outro estado de impregnação, chegou na caixa do correio com um título insuspeito, *Hoje como ontem ao meio-dia*, de Heitor Ferraz. O livro de Heitor não traz nenhuma referência de quem é o Heitor. Mas ele já publicou outras coisas, escreveu sobre outras tantas e tem perambulado por esta via de mundo. Manter o Heitor como ele quer ficar. Mas ele tem um outro livro de poemas que chama *Resumo do dia*, 1996.

O livro de Horácio traz um prefácio interessantíssimo de Braga Montenegro, com coisas interessantíssimas escritas nele. Coisas como “nota-se alguma carência expressiva”, “o título é de um gosto equívoco, mas o poema é significativo e belo”, “suas vacilações e seus equívocos formais”, “Há um soneto muito bonito no livro, um só soneto” etc. Deslocadas assim, estas anotações parecem um arbítrio contra o autor do prefácio, mas não é isso, é apenas para dizer que estas notas deslocadas são as boas coisas da poesia de Horácio: carência expressiva, títulos de poemas com gostos equívocos, vacilações e equívocos formais e um só soneto com um erro de métrica. Das marcas de mão no livro, a dedicatória de Horácio (a quem, prefiro deixar silêncio): “A fulano de tal – saltador de abismos –, os passos indecisos do estreado. Fortaleza, julho de 1967.” Ano da publicação do livro, publicação que foi prêmio Universidade do Ceará, em 1966, por isso o prefácio explicativo.

São sobre esses passos indecisos que toda a poesia de Horácio se fez; passos aparentemente

mancos, quase tensos, pensos, em linhas tortas. De outro lado, suponho, Heitor não tenha lido Horácio, mas creio que gostaria; e desconfio que Horácio não tenha lido Heitor, creio também que gostaria. Dessas impregnações todas, a que mais desconfio hoje, como ontem, diria o Heitor (porque os poemas deste livro do Heitor são sobre a desconfiança com o mundo, ou são desconfianças mesmo), é da poesia de um na poesia de outro. A isto, uns e outros chamam de resíduo, referência, cópia, diluição, re-invenção e tantas outras coisas quase bobagens da teoria da falta de recurso para tentar dizer, afirmar, ponderar, apontar algo. É próprio nosso e inumano até, mas diante do impasse, de uma quase impossibilidade, o melhor é deixar as perguntas.

Há os versos do Heitor no poema *Smoke Poem*: “-As idéias se recolhem / absortas na fumaça. / Aqui, perdoem, / não há nenhum pensamento.” Há os versos do Horácio no poema *De como apesar de tudo a vida continua*: “se / eu / pudesse // mas / não / adianta // eu / não / posso.” Em Heitor: “Estas mulheres poderiam estar aqui ou em outro lugar”. Em Horácio: “pode ser / mas pode também / não ser.” Heitor: “É tempo de subir / a ladeira - amoldar / o pé que já se esquecia.” Horácio: “ainda é tempo de se dizer alguma coisa / ou ao menos silenciar”. Heitor, no mesmo: “sentir que a sola / do sapato é um couro”. Horácio: “quero trabalhar com céu azul / na sola do sapato”. Heitor: “Um carro em movimento numa cidade chuvosa / eternamente chuvosa”. Horácio: “eu sou aquele que anda sozinho pelas ruas”. Heitor: “antes de sair / conheço o itinerário que a cada manhã repito”. Horácio: “o pior é que o dia de hoje / amanhã / será ontem”.

É bem possível chamar isso aí que tentei fazer, rapidamente, de renga, desafio ou, aos mais sofisticados, de *jam session*. Chamo de gestos. E

mais sorrateiramente, chamo de impregnações, as que estão na vida mesmo, postas. Anotações de uma mão que estão na mão de outro, como coisas deixadas. Há mais coisas, há iguais, há uma conversa: da forma das coisas ditas, da melancolia recheada de esperança, da solidão, de uma desistência mentirosa, das bruxas, da casa, das pequenas histórias, dos pequenos recortes, do passeio entre atento e distraído, dos bichos (Horácio: *"o rinoceronte, meu bem / corre com quantas pernas tem."* Heitor: *"a mariposa morta sobre a mesa / talvez não durma"*).

Penso se a marca deixada para construir a coincidência é apenas minha. Se o dia da chegada dos livros forçaram a impregnar Heitor de Horácio, Horácio de Heitor. As anotações nos livros de Horácio, as mesmas quase anotações nos livros de Heitor. Ao mesmo tempo, a enorme diferença que há entre a poesia de um e a poesia do outro, um outro tempo, um outro lugar. Mas um meu quase mesmo olhar, uma minha quase mesma deficiência, uma minha quase mesma memória turva. Como aquela sensação, entre estranha e maravilhosa, de encontrar um velho livro recheado de coisas deixadas. (MRL)